

# Lições de uma economia emergente

Executivos estrangeiros, em MBA no Brasil, concluem que mercado exagera crise

O GLOBO

14 OUT 2002

Patricia Eloy

• O ocaso da economia brasileira, alardeado aos quatro ventos pelos fatalistas de plantão, está longe de corresponder à realidade. É o que pensa James Lennox, ex-executivo do banco de investimentos Merrill Lynch e hoje responsável pelo portfólio de aplicações de grandes bancos americanos. Para ele, a economia brasileira é sólida o bastante para resistir à turbulência político-econômica, mesmo que o candidato da oposição chegue à Presidência.

— A situação é mais estável do que o mercado faz parecer. Não importa quem vai vencer as eleições. Seja quem for, terá interesse em estimular a economia. Mas admito que até pouco tempo minha visão era muito limitada. A percepção que se tem de fora nunca é tão precisa quanto a que se tem ao conhecer o Brasil — diz.

Foi buscando essa outra visão que, com Lennox, desembarcaram no país na semana passada outros 27 executivos estrangeiros do Trium MBA, um programa com a chancela da New York Stern School of Business, da London School of Economics e da HEC School of Management, de Paris.

Os alunos são presidentes, diretores, consultores e sócios de empresas de 11 países, como Nestlé, Boeing, Siemens, J.P. Morgan e Deutsche Bank. Longe de estarem assustados com a disparada do dólar e do risco-Brasil nos últimos meses, eles vieram descobrir o que há de verdade e mentira por trás de uma economia emergente.

Segundo o consultor de empresas Georges Blanc, diretor acadêmico do programa em Paris, a meta do curso, que começou no ano passado, é dar a esses executivos uma visão global de negócios. Para isso, eles percorreram tanto economias desenvolvidas, como a americana e a européia, quanto as emergentes, como a chinesa e a brasileira.

— Eles perceberam que não dá para jogar todos os emergentes no mesmo saco. Há diferenças fundamentais entre Brasil e Argentina, por exemplo. Aqui, o potencial para negócios é dez vezes maior que no país vizinho — diz Blanc, acrescentando que a etapa brasileira do programa é importante para que os executivos aprendam como gerenciar situações de risco face às rápidas mudanças dos mercados emergentes.

— Para isso, visitamos empresas como

Sadia, Embraer e Organizações Globo e conversamos com executivos de grandes bancos multinacionais com exposição no Brasil. Vimos que é possível colocar produtos de alta qualidade no mercado internacional — relata Lennox.

Ken Froewiss, diretor acadêmico do programa em Nova York, conta que, no início, era grande o preconceito dos alunos em relação aos países subdesenvolvidos:

— Mesmo o mais culto dos americanos ignora o que realmente acontece na América Latina. O Brasil é muito mais complexo do que nossa percepção inicial.

Para o alemão Björn Storm, sócio de um dos cinco maiores bancos de investimentos americano, a visão que muitos estrangeiros têm da crise brasileira está equivocada. Ele também criticou o protecionismo dos EUA e do G-7.

Além de lembranças, Lennox está levando de volta para casa uma recomendação aos seus clientes:

— Ao contrário do que tem sido dito, acredito que é seguro investir no Brasil. As incertezas são momentâneas e serão dissipadas. As instituições e o sistema financeiro são mais sólidos do que qualquer transição política.